



ELOHIM

JOÃO PEDRO MAIA

O BEM

SUPREMO

DO

EVANGELHO

E COMO ELE REDIME TODAS AS COISAS



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © João Pedro Maia, 2022

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
João Pedro Pugina

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Maia, João Pedro.

O bem supremo do evangelho / João Pedro Maia. – 1ª edição – São
Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-38-0

1. Literatura brasileira 2. Religião I. Título

CDD: 869



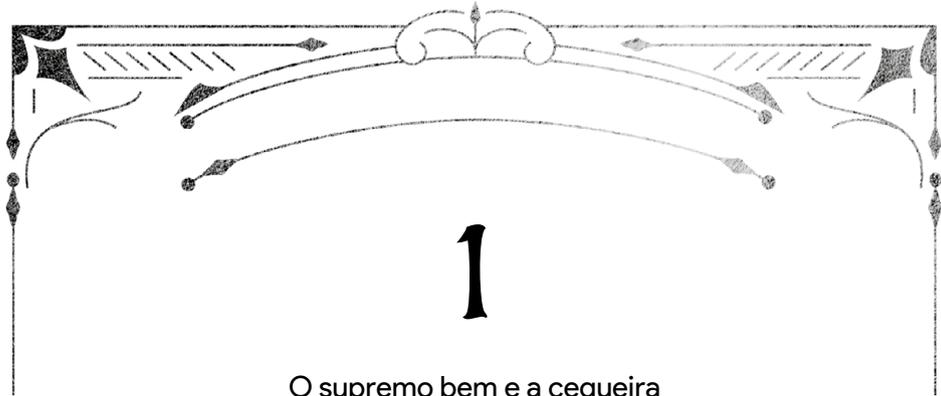
Grupo Editorial
coerência



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

PARTE 1

CRISTO, O DEUS
ENCARNADO, É A MAIS
ALTA REVELAÇÃO DO
DIVINO PARA COM
A HUMANIDADE.



O supremo bem e a cegueira dos que não o veem

O evangelho é a beleza e a magnificência de Cristo.

— John Piper

Existe uma beleza invisível aos olhos do mundo, inacessível aos homens que não receberam a interferência da graça salvadora de Deus.

É possível que você já a tenha experimentado e a visto de perto sem que pudesse expressar com exatidão o que acontecera com você por dentro. Pode ser, também, que você não a tenha conhecido ainda, ou melhor, que até hoje não tenha sequer ouvido falar a seu respeito.

Então, acredito que esta seja a sua oportunidade.

Meu objetivo com este livro é apresentar a você algo que não é apenas capaz de deslumbrar os olhos do seu intelecto, mas de transformar todas as coisas — inclusive você mesmo e o seu coração. Estamos falando de um tipo de bem específico, que não é percebido como tal pela maioria das pessoas, qualificado para anular todos os seus outros amores. Não, isso ainda não é tudo o que ele pode fazer em você.

Ele é capaz de libertar e regenerar você; ou melhor, fazer você nascer de novo. Aliás, ele é capaz de fazer novas todas as coisas, como estabelecido em Apocalipse 21:5. Estamos falando de um tesouro escondido das paixões da carne e do mundo, de uma herança menosprezada por todos os tipos de pessoas, do mais sábio ao mais tolo dos homens, do mais trabalhador ao menos, que perpassa tempos e eras, culturas e modas. Um presente entregue sem acepção de pessoas, que é constantemente, e ao longo dos anos, substituído por outras paixões no coração daqueles que nunca o tiveram, mas muito amado pelo coração dos que o têm.

Um presente que não pode ser acessado por mera intelectualidade nem por mero emocionalismo; ou seja, não depende do quão culto ou estudado você seja, muito menos do quanto possa se envolver afetivamente com as coisas. Ele adentra no coração humano, penetrando o mais profundo do nosso ser, sem que tenhamos parte nisso. Converte mente e coração, e eles nunca mais permanecem os mesmos. O mais elevado bem existente em todo o universo é a maior das belezas. É um tesouro de caráter eterno, imutável e glorioso, que não possui concorrente algum e que não exige desesperadamente que passem a amá-lo.

Estamos falando de Jesus.

O bem supremo do evangelho, ou melhor, o bem supremo é a pessoa de Deus e a sua glória. Cristo, o Deus encarnado, é a mais alta revelação do divino para com a humanidade. O servo sofredor — Isaías 52:12 - 13 —, a luz do mundo — João 8:12 —, a promessa viva que se cumpriu — como diriam os Guilhermes do grupo Projeto Sola —, é a beleza que destrói todas as demais por-

que, sem ele, nem beleza poderiam ser. A palavra redentora, que nos leva do reino das trevas à sua maravilhosa luz, é o maior dos tesouros, porque todos os demais tesouros verdadeiros provêm dele.

Não existe nada maior ou mais precioso do que o próprio Senhor. Nenhuma virtude humana ou poder dos homens é comparável com tamanha majestade. Afinal, todas as coisas dependem dele. Tudo foi criado por meio dele, para ele, como explanado em Colossenses 1:15 –16. Não haveria bem se não o tivéssemos primeiro. Não haveria tesouro se ele primeiro não desejasse. Ele é eternamente digno da posição central e mais alta, porque ele é, de eternidade em eternidade, Deus. Nada pode substituir essa verdade.

A única opção possível para se assentar nessa colocação é o Senhor. Sabemos disso porque o maior mandamento bíblico expressa essa realidade:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração,
de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o
teu entendimento.

— Lucas 10:27

Este mandamento é reflexo da verdade: Deus é supremo, e precisamos tratá-lo como tal. Não que ele precise de nós — nós é que precisamos dele. Adorá-lo, amá-lo, tomá-lo como beleza maior não é o ato pedante de um Deus carente, mas de homens famintos por seu criador.

É o bem que é digno de tamanha colocação.

Deus não estava carente quando criou o mundo. Na verdade, por ser trino, já transbordava amor, criatividade, glória e beleza. Somos produtos dessa realidade trina, criados para nos satisfazer naquele que é digno. Assim, a trindade não é o reflexo do homem, mas o homem reflete coisas que, de eternidade em eternidade, Deus já era. Claro, não de modo perfeito, uma vez que o pecado manchou todas as coisas. Necessitamos daquele que nos criou. Ele é a nossa origem e nossa fonte. Não há vida nem beleza fora de Cristo.

Não escrevo sobre um Deus belo porque ele desesperadamente espera isso dos homens. Deus não precisa de nós para isso. Algumas pessoas podem até viver como se Deus não existisse, mas viver assim não o apaga da realidade. Isso não o muda. Contudo, sendo ele beleza transbordante desde sempre, como poderíamos esperar encontrar algo em toda a existência mais belo do que aquele que é autor da própria beleza? E se ele de fato transborda tal qualidade, não é lógico que esteja sobre o trono do nosso coração?

Se Deus é nosso maior amor, ele é nosso maior tesouro, porque, como dito em Mateus 6:21:

Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

E é claro que isso significa amá-lo também segundo o nosso intelecto — uma vez que o coração, nas Escrituras, também representa o intelecto —, mas não apenas isso. E é claro também que nem todas as pessoas o tomam como bem maior, mesmo que ele o seja. Ter Deus como maior tesouro é um compromisso do coração, da alma e também das nossas forças. É anelá-lo por inteiro, não apenas com partes do nosso ser.

O que as pessoas fazem quando Deus não é o centro delas é enganar a si mesmas quanto ao que de fato merece ser destacado. Elas ainda assumem um compromisso do coração, da mente, mas com um falso deus, um substituto fajuto. Mas fazer isso com quaisquer substitutos não altera o fato de que apenas Deus pode tomar tamanha posição em nós. Assim, quando nos deparamos com Cristo não mais como um carpinteiro, um líder religioso ou um nome que ajuda a contar o tempo num calendário romano na aula de história, mas como Deus glorioso, salvador das nossas vidas, então todas as coisas à nossa volta ficam diferentes. Se Cristo agora toma o lugar central, então tudo muda em nós. Mas, antes que isso aconteça, precisamos vê-lo.

Vou explicar — tomando como exemplo um dos falsos deuses do nosso século.

Vivemos numa cultura sentimentalista, que ergue altares de adoração aos afetos. Para muita gente, Deus, que deveria estar tomando o lugar central nas vidas dos seres humanos, agora é chamado por muitos de “sentimento”. Isso está presente na cultura e até na mídia. Por exemplo, o marketing ensina que o que se vende é experiência, e não o produto em si. Se você prestar atenção nos comerciais, verá que não falam do produto em si mais do que falam sobre a experiência de ter o produto. Não é um carro que a montadora vende, mas uma vida de sucesso, de aparência física, vento no rosto — o que remete à qualidade de vida — e uma companheira bonita ou uma família feliz. Cortes rápidos, música impactante, tudo reflete a realidade de um tempo movido pelo que se sente. Séries, músicas, filmes, as redes sociais e até mesmo o “2x” nos áudios do WhatsApp, todas as coisas parecem estar em uma aceleração constante, movidas por

emoções que se alteram o tempo todo. Não aguentamos os cinco segundos do comercial do YouTube nem *stories* longos demais.

NOSSA ATENÇÃO ESTÁ SENDO DISPUTADA POR MUITAS COISAS AO MESMO TEMPO.

Nos dias de hoje, a visão é o sentido mais superestimado dos seres humanos, mas ao mesmo tempo é o mais precário.

Isso é preocupante. Segundo um estudo da universidade de Chicago¹, o uso excessivo do celular torna os jovens mais propensos a ter “parceiros sexuais, problemas com bebidas, notas mais baixas, além de ansiedade e depressão”. Eles concluíram que a atividade virtual excessiva prejudica jovens até mesmo nas relações físicas. É quase um pa-

radoxo: nos aproximamos, mas nos afastamos — fora a série de complicações na sexualidade e saúde mental citadas acima. Ou seja: o século XXI está tomado por uma realidade virtual que descompensa a realidade presente, palpável. Realidade virtual aliada a experiências sensoriais são um reflexo daquilo que o coração humano tanto valoriza neste tempo. É tanta informação que não vemos o que é mais importante.

Essa valorização exacerbada dos sentimentos é produto de um coração que não adora a Deus, que não o ama acima de todas as coisas, que não o tem como bem supremo. Seus frutos são vistos por todos: jovens e adultos escravos de telas, de sentimentos, de informações rasas e rápidas. Vidas vividas em prol de vazios: dinheiro, seguidores, poder, atenção, ego e desejos carnisais. Mas esta não é a proposta do evangelho. Em

1. Disponível em: <https://bityli.com/hXECvu> Acesso em 09/03/2022.

Cristo, a realidade escrava dos afetos e dos demais ídolos deste tempo não é apenas aperfeiçoada, mas transformada completamente.

Existe uma cena no filme *Dr. Estranho* — meu personagem favorito da Marvel, me julguem — em que a profetisa fala com Strange: “Olhe para a realidade para além do que você está vendo”. Isso é muito bíblico e aplicável aos dias de hoje. No mundo em que nos encontramos, é fácil nos perdermos nas ilusões e tentações que nos tiram o foco que de fato devemos ter.

É TENTADOR IGNORAR A REALIDADE DE QUE O PECADO É PRESENTE NO MUNDO E ATÉ MESMO IGNORAR A EXISTÊNCIA DE DEUS.

As pessoas vivem como se ele não fosse muito mais do que um “cara” em um trono inventado por homens. Não olham para além do que veem, estão cegas e surdas para a própria realidade das coisas. Apesar disso, não perdem o desejo por um sentido na vida, que é o que faz com que as pessoas busquem por lugares, coisas, substitutos — no fundo é sobre isso — supostamente sólidos, firmes, seguros, confiáveis. O que não percebem, entretanto, é que tudo aquilo que passa de Cristo como fundamento último é como construir suas vidas na areia.

Lendo *Inteligência humilhada*, de Jonas Madureira — na verdade, creio que aprendi isso tanto na aula do seminário com ele quanto lendo seu livro, mas isso não é tão relevante —, aprendi que o homem é caracterizado, na Escritura, como *fome*. Já encontramos essa definição em Gênesis 2:7. É nesse versículo que achamos a palavra *néfesh*, que é “alma” em hebraico. É verdade que todas as pessoas anseiam por algo. *Néfesh* significa garganta. Ela representa fome, apetite, coisas assim. Veja:

Ora, a imagem da *néfesh* em Gênesis 2:7 não deve ser compreendida literalmente. O homem não é uma “garganta” literal, mas sim como a *néfesh*, a saber: faminto, insaciável, desejante, necessitado. Em outras palavras, quando Deus soprou nele o fôlego de vida, o homem se tornou fome, apetite, desejo, necessidade. Perceba a riqueza dessa imagem. O homem não tem fome, o homem é fome. O homem não tem desejo; o homem é desejo. O homem não tem necessidade; o homem é necessidade. Nesses termos, entendemos que *alma*, ou *néfesh* se preferir, não é algo que o homem possui, mas algo que o caracteriza essencialmente.

Portanto, o homem foi criado para ser integralmente desejo, fome, sede, necessidade.

Do quê? De quem?

Unicamente de Deus.

Deus criou o homem todo com “fome de Deus”. Assim, chegamos à primeira definição bíblica de homem: o homem é essencialmente um ser faminto por Deus.

Mas o homem só é faminto por Deus? É claro que não. O homem deseja outras coisas além de Deus, mas nesse caso ele *tem* desejos. Por exemplo, o homem tem diversos desejos, mas é desejado apenas por Deus.

Não há homem no mundo que não seja possuído pelo desejo de Deus. Nesse sentido, o que estamos dizendo é que o homem não possui um desejo de Deus, mas o desejo de Deus o possui. A primeira definição bíblica do homem não é filosófica, mas litúrgica; a primeira e mais importante definição do homem não é a de que ele é um ser racional, mas a de que é um ser faminto por Deus, o que equivale a dizer que o homem foi criado para

encontrar a plenitude — ou a satisfação plena — apenas em Deus. Em contraste, o vazio ou a insatisfação da *néfesh* é do tamanho de Deus.

Sobre isso, C. S. Lewis diz algo muito relevante: “As criaturas não nascem com desejos que não possam ser satisfeitos. Um bebê sente fome; pois bem, há uma coisa chamada leite. Um patinho deseja nadar; pois bem, existe uma coisa chamada água. Os homens sentem desejo sexual; pois bem, existe uma coisa chamada sexo. Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui feito para um outro mundo. Se nenhum dos prazeres terrenos o satisfaz, isso não prova que o universo seja uma fraude. Provavelmente os prazeres deste mundo nunca foram destinados a satisfazê-lo.”

— *Inteligência humilhada*, Jonas Madureira, p. 212 a 214

Mas se isso é verdade, por que as pessoas continuam assim?

Parece fácil falar que Deus é o bem supremo, que devemos amá-lo acima de todas as coisas, mas, na prática, a maior parte das pessoas continuam escravas daquilo que sentem, de si mesmas, do dinheiro que possuem, da fama, do amor etc. Como é que podemos explicar isso? Por que nem todos veem Cristo como quem ele é? E por que nós, cristãos, vemos Jesus diferente das outras pessoas? Tão mais elevado do que todas as outras coisas? Tudo bem, Jonas nos explicou: a plena satisfação dessa fome e sede se dará em Deus — falaremos disso melhor na Parte 3 —, mas por que é que as pessoas não buscam isso nele?